

(Cairo - 25 a 31 Março 1961)

Discurso proferido pelo Delegado da Guiné "Portuguesa" e das Ilhas de Cabo Verde, Amilcar CABRAL (Abel DJASSI), Secretário Geral do PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA.

Senhor Presidente,

Caros companheiros de luta de África,

Tenho a honra de apresentar ao povo, às organizações de massa e aos dirigentes da R.A.U. as mais fraternais saudações do nosso povo e do nosso Partido.

Entre os documentos que distribuímos aos Delegados, encontrareis um relatório sobre a situação no nosso país, respeitante principalmente ao desenvolvimento da nossa luta de libertação. O nosso povo está saturado do colonialismo português. Quer liquidá-lo urgentemente, e pede meios eficazes para se defender, para realizar uma acção directa contra as forças colonialistas. Juntando a este facto as repercussões dos acontecimentos em Angola, entre nós, compreendereis as dificuldades que defrontamos, porque estamos apressados, porque é um único Delegado do nosso Partido que pode participar nesta reunião.

A nosso ver, esta conferência deve ser a mais importante assembleia africana na etapa actual da marcha dos povos de África para o progresso. As circunstâncias africanas e mundiais em que ela se efectua - e mesmo a cidade onde ela se realiza - dão à nossa 3ª Conferência um carácter histórico, sejam quais forem os seus resultados. Cabe a nós obter dela resultados positivos - realmente construtivos - na certeza de que seremos julgados pela História.

A nossa 2ª Conferência, realizada em Tunis, foi a abertura do Ano Africano. Em 1960 os povos africanos obtiveram muitas vitórias.

.../

Durante estes últimos 14 meses, os países africanos realmente independentes registaram consideráveis progressos no que se refere à consolidação da sua independência; vários países adquiriram a autonomia política; os povos que ainda se encontram sob a dominação colonial clássica reforçaram a sua luta de libertação; uma vez mais o heróico povo de Argélia fez a História marchar mais depressa; e, no campo internacional, um dinamismo político, não desprovido completamente de contradições, mas várias vezes proveitoso, obteve alguns resultados excelentes, entre os quais os da histórica Conferência de Casablanca e a importante resolução da 15ª Assembleia geral das Nações Unidas, relativa à concessão da independência aos povos coloniais.

No entanto, 1960 não perderá o seu atributo de "Ano Africano", se levarmos em conta também os fracassos registados e os erros cometidos. Pelo contrário, a análise concreta destes fracassos e erros - das suas causas, natureza e efeitos - reforça o carácter Africano do ano de 1960.

Vários povos viram as suas aspirações mistificadas com uma independência nominal, e foram submetidos a uma nova forma de colonialismo. O povo da África do Sul, assim como os do nosso próprio país, de Angola, de Moçambique e de outras colónias portuguesas, continuam sujeitos à mais violenta exploração e à mais bárbara repressão colonial.

Lutas intestinas marcaram a existência de alguns povos africanos e criam obstáculos à indispensável unidade nacional. A prática da solidariedade africana foi caracterizada algumas vezes pela falta de iniciativa por uma certa hesitação e mesmo improvização, que os nossos inimigos têm sabido explorar a seu favor. Tivemos e temos ainda o mais consequente, mas certamente o mais dramático dos fracassos e erros - o caso do Congo, cuja síntese trágica é o assassinato de PATRICE LUMUMBA. Se as vitórias devem ser uma razão de orgulho e um estímulo na marcha dos nossos povos para o progresso, a consciência dos nossos fracassos e dos nossos erros, tomada através de uma análise lúcida e uma crítica justa, deve reforçar a nossa luta, enriquecer a nossa experiência

e, portanto, tornar mais fácil e mais certa a obtenção de novas vitórias.

Na realidade, estes fracassos e êrros nos ensinaram coisas muito importantes. Hoje, conhecemos melhor, quer os nossos amigos, quer a natureza, as forças e as formas de acção dos nossos inimigos, assim como a eficácia ou a ineficácia dos meios de acção de que podemos dispôr. Sabemos qual é a capacidade da ONU e quais são as funções do seu Secretário Geral; e, não menos importante que tudo isto, conhecemos agora a nossa própria natureza. Pode-se dizer que o ano de 1960, ou melhor, o caso do Congo deu ao africano as suas dimensões humanas.

Perante as nossas vitórias ou os nossos fracassos, é preciso não esquecer que nenhum dos nossos inimigos foi real e totalmente vencido e expulso da África. Os colonialistas-fascistas portugueses massacram os nossos povos em Angola, , na Guiné e em Moçambique; os racistas-fascistas da África do Sul reforçam cada vez mais a sua odiosa política de "apartheid"; os colonialistas belgas puseram de novo no solo do Congo o único pé que tinham sido forçados a retirar; os imperialistas e colonialistas ingleses redobram de imaginação e de cinismo, procurando manter a sua dominação total na África oriental e a sua dominação económica nas colónias do oeste africano; os imperialistas e colonialistas franceses matam as populações indefesas na Argélia, fazem explodir bombas atómicas no solo africano, tentam criar um novo absurdo, ao mesmo tempo geográfico, histórico e étnico - o Sahará "província francesa" - e reforçam a sua dominação económica sobre alguns dos nossos povos; os imperialistas americanos saem da sombra e espantados perante a fraqueza dos seus parceiros, procuram, com maior ou menor "souplesse" substituí-los em toda a parte.

Os nossos inimigos estão firmemente decididos a vibrar-nos golpes mortais e a transformar as nossas vitórias em fracassos. Para atingir êste fim, eles sabem utilizar o instrumento mais propício: os traidores africanos. É esta mais uma verdade tornada evidente pela nossa luta. Apesar das forças armadas, os

imperialistas não podem dispensar os traidores. Chefes tradicionais e bandidos durante a escravatura e as guerras de conquista colonial; cipaios, diversos agentes e soldados mercenários durante o período de ouro do colonialismo; os chamados chefes de Estado e ministros na época do néo-colonialismo. Os inimigos dos povos africanos são poderosos e astuciosos, e podem sempre dispor de lacaios fiéis entre nós, porque os Quislings não são um privilégio da Europa.

Mas a nossa luta é um facto concreto e nada poderá fazer parar a marcha dos nossos povos para o progresso e a felicidade. É a marcha da História. Entretanto, se queremos neutralizar a acção **retardora** levada a cabo pelos nossos inimigos e seus lacaios, devemos reforçar os meios de acção e a vigilância da revolução africana. Procuremos ser precisos. Para nós, revolução africana quer dizer: transformação da vida económica actual das sociedades africanas no sentido do progresso. Esta transformação exige como condição prévia a liquidação da dominação económica estrangeira, de que depende qualquer outra espécie de dominação. Reforçar os meios de acção, quer dizer; desenvolver os meios eficazes e criar outros na base do conhecimento da realidade concreta da África e de cada país africano, e do conteúdo universal das experiências adquiridas em outros meios e por outros povos. Vigilância, quer dizer: selecção rigorosa dos amigos, vigilância e luta permanente contra os inimigos (externos e internos), neutralização ou liquidação de todos os factores contrários ao progresso.

É preciso não esquecer que a revolução africana está ao serviço da paz e do progresso de toda a humanidade. Se os povos africanos chegarem a tomar nas suas mãos, a explorar e a desenvolver racionalmente todas as riquezas materiais e humanas dos seus países, será uma contribuição decisiva para a paz mundial, para o desaparecimento total do imperialismo. E também uma contribuição eficaz para o progresso da humanidade, quer porque, além do mais, nós também fazemos parte da humanidade, quer porque a liquidação do imperialismo na África, sendo uma condição

de segurança para os povos amantes da paz, facilitará a emancipação social e política de grandes massas populares dos países imperialistas e colonialistas.

Os nossos ombros, estão, pois, carregados de pesadas responsabilidades perante nós mesmos, perante o mundo e perante a História. Os olhos que nos observam, as orelhas que nos escutam, as cabeças e as mãos que nos ajudam - e mesmo as armas que nos matam - estão também conscientes das nossas responsabilidades, do papel que os nossos povos, sub-desenvolvidos, sem bombas atômicas e sem satélites artificiais, podem e devem desempenhar na evolução da vida humana dos nossos dias.

A nossa tarefa não é fácil. Devemos enfrentar e transpôr muitas dificuldades, quer derivadas das contradições da nossa vida e do nosso desenvolvimento, quer criadas ou impostas pelos inimigos do progresso dos nossos povos. Neste momento, uma dificuldade primária - a da conquista da autonomia política - já está ultrapassada, apesar da permanência de algumas zonas do colonialismo clássico, que tem os seus dias contados em toda a parte. Presentemente parece-nos que as maiores dificuldades dizem respeito à conquista da independência económica, à consolidação da independência nacional, à luta contra o neo-colonialismo.

A rapidez e a multiplicidade de aspectos da revolução africana - e também as manobras e as maquinações urdidas pelos nossos inimigos - estão na base destas dificuldades. Em vários países a luta de libertação não pôde atingir um carácter revolucionário. O balanço positivo do ano de 1960 não pode fazer esquecer a realidade de uma crise da revolução africana. É a existência desta crise e a certeza na possibilidade da sua resolução que dão uma importância extraordinária a esta Conferência.

De que natureza é esta crise? Parece-nos que, longe de ser uma crise de crescimento, ela é uma crise de conhecimento. Em vários casos, a prática da luta de libertação e os passos para o futuro são, não somente desprovidas de uma base teórica, mas também mais ou menos desligadas da realidade concreta do

meio. As experiências locais, assim como as de outros meios, relativas à conquista da independência nacional, a unidade nacional e as bases para a construção do progresso, foram ou não esquecidas.

Entretanto, as condições históricas dos nossos dias são muito favoráveis à marcha vitoriosa da revolução africana. Para agir de acordo com estas condições favoráveis, que nós também criamos, parece-nos que entre as necessidades a satisfazer, as três seguintes são das mais importantes: a) - Conhecimento concreto da realidade de cada país e da África, assim como das experiências relativas a outros povos; b) - Elaboração, em bases científicas, dos princípios que devem orientar a marcha dos nossos povos para o progresso (luta de libertação e reconstrução económica; c) - Estabelecimento de medidas práticas a adoptar em cada caso particular. Quem quer que seja pode facilmente aperceber-se da projecção destas necessidades na natureza e no condicionamento dos principais problemas que enfrentamos e nos afligem.

Mau grado a multiplicidade e a complexidade de certos problemas, terei a audácia de concluir: esta Conferência cumprirá a sua tarefa, se ela for capaz de tirar as lições fundamentais da experiência já adquirida pelos nossos povos, e de encontrar um caminho sólido para uma acção comum no futuro. Esta condição exige, evidentemente, a criação de um instrumento orgânico que tornará permanente a nossa colaboração fraternal e consciente.

Da parte do nosso povo, garantimos que vamos acabar urgentemente com a dominação portuguesa e qualquer espécie de dominação estrangeira. Para cumprir esta tarefa inediata, assim como para o futuro, contamos com o vosso apoio e a vossa ajuda.

ABAIXO O IMPERIALISMO, O COLONIALISMO E OS SEUS LACAIS!
